

NARRATIVA SOBRE UMA PROFESSORA LEIGA, ATRAVÉS DA MEMÓRIA DE SEUS EX-ALUNOS, CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA LOCAL

Márcia Schlapp¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar um delineamento sobre a pesquisa biográfica da trajetória de vida de uma professora leiga², que viveu em uma cidade interiorana no Nordeste brasileiro. Tendo o enfoque da fundação o entre as décadas de 1920 e 1930, o Educandário Santo Antônio, de propriedade da pesquisada e que ficou em atividade até a década de 1980, na cidade de Cachoeira/BA. A metodologia utilizada foi a História Oral, através da realização de entrevistas concedidas, entre 2015 e 2016, por ex-alunos da professora. Essas narrativas serviram como inspiração para juntar as histórias sobre a vida e as práticas educacionais utilizadas no decorrer da vida da professora em questão. Como também utilizamos, além das entrevistas, outras fontes como documentos dos arquivos familiares da professora e dos ex-alunos documentos oficiais e a legislação do período. No decorrer das narrativas sobre a história de vida e docente, podemos compreender a metodologia da professora leiga, possibilitando compreender sua trajetória profissional ao longo de sua vida. Evidenciamos através dessas narrativas, a mulher que mesmo diante das particularidades de um período patriarcal, ousou em ser independente, na cidade efervescente e interiorana de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia.

Palavras-chave: História da Educação. Professora Leiga. Biografia. Cachoeira. Memória.

Recebido em 20 de setembro de 2020 e aprovado para publicação em 10 de dezembro de 2020

¹ Mestranda no Mestrado Profissional em História da África da Diáspora e dos Povos Indígenas / UFRB, Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. Correio eletrônico: marciaschlapp@gmail.com.

² Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 4024/1961– Define no Art. 57. A formação de professores, orientadores e supervisores para as escolas rurais primárias poderá ser feita em estabelecimentos que lhes prescrevem a integração no meio. Um professor leigo é aquele que não tem formação específica para atuar na sua área, ou seja, sem o Magistério.

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar um delineamento a pesquisa biográfica, da trajetória de vida de uma professora leiga³ que viveu em uma cidade interiorana no Nordeste brasileiro, objeto introdutório do projeto apresentado ao Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas. Dona Adelita Onofre, de alcunha Dona Dedé, fundou entre as décadas de 1920 e 1930 o Educandário Santo Antônio, que ficou em atividade até a década de 1980, quando ela faleceu. A pesquisa aborda a história de vida da professora leiga. Dessa forma evidenciaremos a mulher, professora e suas práticas metodológicas e pedagógicas utilizadas na escola sob sua regência, entre outros aspectos.

A professora pesquisada nasceu em 30 de novembro de 1905 no município de Cachoeira, no estado da Bahia, no seio da tradicional família Onofre, pertencente à elite social local. Com o falecimento de seu pai, na década de 1920, atentou a necessidade de auxiliar no sustento da família e na educação dos irmãos e irmãs, posteriormente, também foi responsável pela educação dos sobrinhos e de inúmeras crianças do município de Cachoeira e de outras cidades vizinhas.

O Educandário Santo Antônio tornou-se referência no ensino das primeiras letras, bem como nos preparatórios para Exames de Admissão⁴. A escola também era a residência da professora, conforme regia a Lei Orgânica nº 8529/1946 que definia sobre o ensino primário e particular: “*Art. 22. O ensino primário será ministrado pelos poderes públicos e a livre iniciativa particular*”⁵.

A Lei Orgânica nº 8529/46 afirma que para manter uma escola de primeiras letras bastava que o indivíduo fundador e educador fossem distintos socialmente, além de católico, ter bom caráter, ter mais de 18 anos e ser brasileiro. Nessa esfera, Dona Dedé Onofre, possuía todos os requisitos necessários para constituir uma escola.

Para melhor compreender o enredo que norteia esse trabalho, tomaremos as análises teórico-metodológicas da história do conhecimento das memórias dos ex-alunos, da micro-história, tal qual abordamos para esta pesquisa. O embasamento conceitual foi ancorado na História da Educação, Memória e Biografia, tendo como leme a História Oral. As literaturas utilizadas para embasar este estudo foram: **Memoriais de professoras; reflexões**

³ Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 4024/1961– Define no Art. 57. A formação de professores, orientadores e supervisores para as escolas rurais primárias poderá ser feita em estabelecimentos que lhes prescrevem a integração no meio. Um professor leigo é aquele que não tem formação específica para atuar na sua área, ou seja, sem o Magistério.

⁴ Exames de Admissão-Decreto-Lei 4.244 – de 9 de abril de 1942 - Lei orgânica do ensino secundário. Título II – Capítulo V – Art. 31 – 33.

⁵ Diário Oficial da União - (Lei nº 8529/46), 04. 01. 1946, p. 113.

sobre uma proposta - Maria Helena Câmara Bastos⁶ (2003), Ecléa Bosi⁷ (1994), Paul Thompson⁸ (1992), bem como, compilações do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Márcia Schlapp (2017). As entrevistas realizadas serão as principais fontes abordadas para compor este artigo.

No intuito de sensibilizar a população local sobre a importância de estudarmos o passado, salientar que a memória também é responsável por nos contar a história. “Escrever/ler memórias possibilita repensar a prática educativa na perspectiva de que a vida é o lugar da educação e a história de vida o terreno sobre o qual se constrói a formação”⁹.

Os primeiros resultados apontaram as virtudes com o trabalho biográfico, tendo como cerne a história oral, sobre a trajetória de vida de Dona Dedé e sobre a Educandário Santo Antônio, contada através de seus ex-alunos, que enriqueceu o trabalho. Os documentos oficiais não foram suficientes para descrever sobre a professora leiga, que foi uma importante educadora das crianças nas regiões rurais, neste caso, na cidade de Cachoeira, Recôncavo Baiano. Contudo, definimos a existência de Adelita Onofre, como fundadora e professora leiga, definimos a escola, o prédio onde funcionou e sua estrutura física e metodológica.

Fizeram parte da pesquisa sete ex-alunos dentre eles, seis são afrodescendentes, que estudaram no Educandário Santo Antônio, no período compreendido entre as décadas de 1950 a 1960. Utilizamos as entrevistas semiestruturadas, narradas, assim, os fatos sobre a metodologia da escola e a personalidade e vida de Dona Dedé pôde ser apurada.

A vida da educadora, quem ela foi e suas características serão apresentadas a partir das lembranças dos ex-alunos. “A memória faz parte do nosso adestramento cultural, a lembrança é a sobrevivência do passado”¹⁰.

Dentro desse pensamento, seguimos ancorados com a História Oral, que nos permite (re)construir o passado diante da memória do entrevistado. Para tanto, a afirmação deste método de pesquisa, reforçamos com Thompson (1992)¹¹ que a história oral é uma história construída em torno de pessoas.

Em virtude dos detalhes da história de vida, identificamos nas narrativas, conteúdo que evidenciou a mulher docente, relatos permeados por momentos de muita emoção. A professora Adelita Onofre foi uma mulher forte e, mesmo diante das particularidades

⁶ BASTOS, M. H. **Memórias de professoras**: reflexões sobre uma proposta. In: MIGNOT, A. C. V.; CUNHA, M. T. S. (orgs.). Práticas de memória docente. São Paulo: Cortez, 2003.

⁷ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Editora Schwarcz, 1995.

⁸ THOMPSON, Paul. **A voz do Passado**: História Oral. 3. Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

⁹ BASTOS, op. cit., p. 179.

¹⁰ BOSI, op. cit., p. 15.

¹¹ THOMPSON, op. cit.

peculiares de um período patriarcal, ousou em ser independente, na cidade efervescente e interiorana de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia.

Cachoeira – Recôncavo - Bahia – Brasil

Cachoeira é uma cidade interiorana que está localizada no lado norte do estado da Bahia, distante 140 Km da capital Salvador. A economia do lugar se formou em torno da exploração de fumo, farinha e cana-de-açúcar, além do comércio fluvial. Seu povoamento, ao contrário da economia de monocultura, foi o resultado da migração proveniente de vários lugares do Brasil e do mundo. Nordestinos, mineiros, paulistas, italianos, alemães, libaneses, poloneses, africanos e população nativa formaram a ampla gama dos habitantes do lugar. Esse ambiente tranquilo de cidade do interior, o convívio com gente simples, o contato constante com caldos culturais diversos, tudo isso influenciou também na formação da personalidade da pequena menina Adelita Onofre. Contudo, a região teve sua derrocada com a construção da BR 101 e da BR 116, como observado a seguir:

Em meados do século XIX e do XX, Cachoeira era considerada o segundo centro urbano da Bahia. A partir da década de 1950 a construção da BR 116 e na década de 1970 da BR 101, levaram a cidade ao declínio, como ponto estratégico de comercialização entre a Capital e o Sertão. Porém, o passado histórico da cidade e a singularidade da sua arquitetura Barroca, levaram-na a ser condecorada pela UNESCO, com o título de Cidade Monumento Nacional, oficializado através do Decreto 68.045, de 13 de janeiro de 1971.¹²

307

Podemos perceber na citação acima, que a cidade esteve entre as principais cidades desenvolvidas comercialmente e culturalmente da Bahia, por este motivo os filhos dos empresários e comerciantes estudavam, em sua maioria, em escolas privadas. Posteriormente, passavam para outras instituições públicas ou privadas. Mesmo diante do declínio da região, a sociedade que surgiu com o desenvolvimento comercial da cidade ainda detinha o poder, mas o dinheiro estava cada vez mais escasso. Apesar disso, a elite cachoeirana manteve sua austera posição social, observada segundo o depoimento do ex-aluno, de alcunha, Cacau Nascimento:

[...] uma coisa interessante que eu acho de você contextualizar o que é família tradicional do que é família elite social de Cachoeira, existiam elites sociais em Cachoeira com níveis de elitização social. Dona Dedé fazia parte de uma elite já decadente que mantinha ainda, todo aquele glamour de uma sociedade, de um tipo de família que pertenceu aos extratos sociais, tanto econômico quanto político

¹² BARBOSA, Telma da Silva. **Memorial do Colégio Estadual de Cachoeira**: contribuição para um estudo sobre a História da educação na Bahia. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2005. p. 41-45.

representatividade[...]”¹³.

Diante da nova elitização social cachoeirana, a escola seguia com suas atividades sem ser abatida pela crise das BRs, uma vez que o comércio fluía internamente. Cachoeira passou a ser considerada Cidade Heroica e Monumento Nacional, por suas ações para a Independência do Brasil. Também foi considerada um dos principais polos culturais do Recôncavo da Bahia, pela sua grande diversidade artística, histórica e cultural, fruto de uma herança colonialista, culminando na formação de seu povo, formado por uma cultura miscigenada, sobretudo pelas culturas indígena, portuguesa e africana.

As professoras leigas

No final do século XIX, era mais adequado na educação para as meninas que fossem ministradas pelas Mestras, que eram mulheres da comunidade consideradas de boa índole e católicas. Neste período, as mulheres de boa índole já ocupavam boa parte das vagas no curso do Magistério, no entanto estas professoras eram designadas à alfabetização das primeiras letras, como podemos observar a seguir;

Art. 12. As Mestras, além do declarado no Art. 6º, com exclusão das noções de geometria e limitado a instrução de aritmética só as suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquelas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimento nos exames feitos na forma do Art. 7º.¹⁴

Com as transformações que ocorriam na educação ao longo dos primeiros cinquenta anos do século XX, as Mestras, de uma forma mais generalizada, passaram a “professoras leigas¹⁵”. Eram mulheres sem formação acadêmica, que detinham conhecimentos e experiências oriundas do seu núcleo familiar e social, estavam perante o Estado, aptas para alfabetizavam as crianças até o quarto ano, preparando-as para o futuro, com o propósito de saberem ler, escrever e fazer as quatro operações de aritmética (adição, subtração, multiplicação e divisão).

Em 1961, as professoras leigas seguiam lecionando, sobretudo na zona rural, com maior veemência no Norte e Nordeste, onde segundo Veiga¹⁶ (2007), em 1920, 14,8% dos baianos, eram analfabetos. A solução encontrada pelo governo foi intensificar o ensino,

¹³ NASCIMENTO, Luiz Cláudio Dias do. [Entrevista concedida a] Marcia Schlapp. 15 maio. 2017.

¹⁴ Lei nº 38.398, de 15 de outubro de 1827 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM.-15-10-1827. Acessado em: sete. 2017.

¹⁵ Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 4024/1961– Define no Art. 57. A formação de professores, orientadores e supervisores para as escolas rurais primárias poderá ser feita em estabelecimentos que lhes prescrevem a integração no meio. Já na LDM 9393/1996 – um professor leigo é aquele que não tem formação específica para atuar na sua área, ou seja, sem o Magistério.

¹⁶ VEIGA, Cyntia Greive. **História da Educação**. São Paulo: Editora Ática, 2007. p. 309

principalmente nessa parte do país, ampliando o número das instituições de educação.

Na ausência de um prédio escolar, as aulas ocorriam, nas casas das professoras, sistema que supria parte do processo de construção da educação rural. Neste contexto, observamos:

A professora leiga é inseparável do processo de construção social da escola no meio rural. Ela é parte da comunidade que precisa se organizar na luta de defesa de seus interesses no confronto com os grupos dominantes historicamente hegemônicos na condução das políticas educacionais do Estado. É neste contexto que a professora leiga é percebida como agente de práxis social de dupla dimensão: precisa passar tanto pelo processo educativo de elaboração de uma consciência crítica (política) e de organização como trabalhadora da educação junto a outros trabalhadores da educação (associações), como deve se preparar como agente educativo específico com prática social junto à comunidade - o coletivo dos trabalhadores - da qual é parte integrante.¹⁷

Ainda segundo Therrien¹⁸, a professora leiga numa forma realista era destinada para a educação no campo. No entanto, eram poucas as professoras com formação no Magistério que desejaram lecionar no interior da capital, o que ocasionou a deficiência de educadoras para trabalharem nas escolas rurais, dessa forma, favoreceram o crescimento de professoras sem formação de Magistério ou Pedagogia

As professoras leigas atuavam na educação primária, nas escolas particulares do interior. O Educandário Santo Antônio não estava localizado na zona rural, mas na zona urbana da cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano. Dona Dedé se enquadra neste perfil e através da oralidade de seus ex-alunos podemos analisar sua história de vida e sua atuação como docente em um período de transformações políticas e sociais, no qual a cultura estava em ebulição no Brasil. Fazendo parte desse contexto, a história oral nos beneficia na reconstrução do passado, favorecendo o presente e futuro. Através dos depoimentos, podemos resgatar a memória da educadora, agregando-a ao conjunto das histórias de mulheres que estiveram à frente de seu tempo, por um futuro educacional digno e unificado que podemos observar na citação a seguir:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimulam professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade.¹⁹

Com a citação acima, podemos analisar a vida/memória da professora leiga, Dona Dedé Onofre, através das narrativas de seus ex-alunos, que nos deixa uma história/memória,

¹⁷ THERRIEN, Jaques. **A professora leiga e o saber social**. In: Brasil, ME. Professor Leigo: institucionalizar ou erradicar. São Paulo: Editora, 1991. p. 2.

¹⁸ Idem.

¹⁹ THOMPSON, op. cit., p. 44.

da qual podemos estudar e agregar como parte da história da educação, bem como no enriquecimento da história local de Cachoeira/BA.

Fragmentos das narrativas sobre dona Dedé

As narrativas a seguir não seguem uma cronologia, mas o cabedal sobre a professora leiga, objeto deste artigo, vejamos essa premissa:

O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o postulado de sentido da existência narrada (e, simplesmente, de qualquer existência). Sem dúvida, cabe supor que o relato biográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituindo em etapas de um desenvolvimento necessário.²⁰

Adelita Onofre foi uma professora leiga, educadora dedicada, muito zelosa com seus familiares e alunos, como observamos nas entrevistas e para melhor entendermos a relação narrada, selecionamos alguns fragmentos sobre a personalidade de Dona Dedé, sob a ótica de seus ex-alunos.

Pedro Aragão recorda de sua tia, de como foi fidelíssima à sua vocação pela educação, doando sua vida ao ensino:

Ela era a única das... oito irmãos, que eram formados e as mulheres eram professoras, inclusive a mais nova, da família, era professora também. Mas ela tava tão empenhada na criação em tocar a família, em fazer viver a família que ela nem estudou. Mas ela tinha o dom de ensinar didática, e ela tinha esse dom, escrevia em gótico correntemente entende, fazia poesia, o irmão mesmo era poeta. O outro irmão era jurista. Então, quer dizer, era um ambiente de cultura. E, essa escola foi o pilar da família, várias épocas, essa escola sustentava todo mundo, era a escola que educava.²¹

O Sr. Stelino Jesus Reis, quando questionado sobre a primeira lembrança de Dona Dedé, ficou com os olhos mareados e afirmou:

A gente chegava, era aquele abraço maravilhoso, na saída também. Até hoje escrevo daquela mesma maneira, que ela colocava naquele quadro, bonita, bordada, educada". "Ela foi uma pessoa tão marcante, tão marcante que até hoje me emociono. Era um "desbunde" que essa mulher fazia para estes sobrinhos.²²

Dom Roque, em seu depoimento, nos fala um pouco mais sobre a personalidade de

²⁰ BORDIEU, Pierre. **A Ilusão biográfica**. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e Abusos da História Oral. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

²¹ Pedro Rochael Lapa Aragão. [entrevista concedida a] Márcia Schlapp. 22 nov. 2016.

²² Stelino Jesus Reis foi aluno do Educandário até o quarto ano, posteriormente, fez o científico e graduação em Matemática. Atualmente, se aposentou e vive em Salvador. [Entrevista concedida a] Márcia Schlapp. 27 nov. 2016.

Dona Dedé:

Dona Dedé é uma figura extraordinária entendeu zelosa, profundamente religiosa e que tinha firmeza de caráter, eu lembro que ela certa feita, nos disse na sala de aula, que você pode pecar é muito natural por que você é humano, mas não cometa um pecado conscientemente. Palavras dela que eu nunca esqueci não: cometa um pecado conscientemente é humano, persistir no erro que é demoníaco. Ne?²³

Abordar os fragmentos contidos na memória de cada ex-aluno entrevistado revelou o quanto impactou a vivência de cada um deles no ambiente estrutural educacional. Esse espaço se transforma em um lugar específico com características definidas, aonde se vai, permanece um tempo e regressa. Nos depoimentos a seguir, observamos a memória do espaço físico.

Lá em cima tinha, tinha uma sala de visita, o corredor, a escada que descia, tinha o quarto de Dulce. Tinha um quarto que era só dos santos e tinha um quarto que era o de Tia Dedé. E, a sala de aula. A sala de aula em área equivalia à sala de jantar da parte de baixo e a mais uma varanda.²⁴

Segundo o ex-aluno Dom Roque, as dependências do imóvel eram divididas até chegar ao espaço escolar, conforme descrito abaixo:

311

No sobrado antigo na Rua da Matriz, nós subíamos uma escada grandona, tinha um corredor, tinha aquela sala ampla e no fundo tinha a varanda. [...] Quando nós passávamos para 3º ano, voltava para o salão grande. Junto à varanda, tem duas portas. Então estudávamos, eram aqueles bancos antigos, era um banco de “tira” e aí ficávamos sentados. [...] Junto da porta, tinha uma porta que dava para um quarto ficavam as filas de terceiro ano, duas de quarto ano e duas de quinto ano [...]²⁵

A seguir temos o depoimento de outro ex-aluno o Engenheiro José Aluísio, onde narra o local onde estudou em sua infância, com exíguo primor métrico:

Onde hoje funciona o NUDOC, a escola era no andar superior, tinha uma escada de madeira onde dobrávamos a esquerda e lá no fundo é que tinha a sala do Educandário e tinha um apêndice para fazer trabalho também mais ao fundo. [...] quando subíamos a escada dobrávamos a esquerda lá no fundo, repito, tinha essa sala, onde dava as aulas e tinha um apêndice a essa sala mais no fundo ainda pelo menos uma área mais ou menos de uns 3 metros por pelo comprimento todo da casa dá um seis a sete metros uns 20 metros quadrado desse apêndice, onde ela colocava uma área, assim para se fazer exercício, para se fazer um estudo dirigido um estudo de apoio. Era assim o Educandário.²⁶

Com os depoimentos, chegamos a um consenso da estrutura física do prédio onde funcionava o Educandário Santo Antônio, a riqueza de detalhes nos permite visualizar,

²³ Dom Roque Cardoso Nonato. [Entrevista concedida a] Márcia Schlapp. 07 dez. 2016.

²⁴ Maria Marta Onofre Oliveira Silva. [Entrevista concedida a] Márcia Schlapp. 28 nov. 2016.

²⁵ Dom Roque Cardoso Nonato. [Entrevista concedida a] Márcia Schlapp. 07 dez. 2016.

²⁶ José Aluísio Souza de Santana. [Entrevista concedida a] Márcia Schlapp. 26 maio. 2017.

hipoteticamente, a escola.

Considerações Finais

Consideramos o momento sobre a memória do sobrinho e ex-aluno de Dona Dedé Onofre como o ápice fundamental da pesquisa e da biografada, visto que está ancorado em uma fotografia, na qual consta sua tia ao centro e dezenas de alunos ao seu redor, reunidos em frente da Igreja da Matriz, em Cachoeira. Essa imagem foi, sem dúvida, a prova da existência da escola, não pelo registro fotográfico, mas pelas informações contidas no verso da fotografia, datada de 1938, que me foi enviada uma semana após a entrevista. Observem o relato: “Achei umas fotos da escola da minha tia. Uma foto que foi feita em frente da Matriz. Então, estão meus dois tios pequeninhos, minha mãe pequenininha também. Tia Dulce, todo mundo pequenininho [...]”²⁷. Fotografia datada de 21 de novembro de 1938.

Dona Dedé foi uma dedicada professora, se emocionava quando um ex-aluno passava na escola para lhe saudar, fazia questão de apresentar às crianças que estavam em aula. Nos depoimentos colhidos, os entrevistados foram unânimes quanto à dedicação dela aos educandos. Seus ex-alunos ficaram tomados de emoção e nostalgia, resumindo a essência de Dona Dedé Onofre e seu empenho ao ensino das primeiras letras.

As professoras leigas perduraram até a década de 1990 e foram imprescindíveis na educação das crianças até os onze anos de idade. No entanto, as mudanças na educação que ocorriam no Brasil exigiam a formalização pedagógica dessas professoras. Dona Dedé, neste período adoeceu e posteriormente faleceu. Deixou um legado na memória de muitas crianças de Cachoeira, quiçá nas demais cidades do Recôncavo baiano.

²⁷ Pedro Rochael Lapa Aragão. [Entrevista concedida a] Márcia Schlapp. 22 nov. 2016.